

A  
CARA  
DO

# MANDRAKE



*Rubem Fonseca*

Cena final do conto "O caso de F.A.",  
publicado em 1969 em *Lúcia McCartney*.



DESIDERATA

“Onde é que você está me levando?”, perguntou Miriam-Elizabeth, tremendo.

“Para o apartamento do F. A.”

Chegamos ao apartamento. Tranquei as portas da frente e dos fundos, meti as chaves no bolso. Fui ao banheiro olhar os estragos feitos por Célio. Um corte no olho direito até o queixo; outro corte no pescoço. Os ferimentos já estavam coagulados. Meu rosto estava feio pra caralho. Tirei a camisa. O ferimento do braço era o pior de todos, os dentes pontudos daquele cão tinham entrado fundo na minha carne. No armário do banhei-

ro havia um vidro de mertiolate, que despejei no braço e passei na cara.

“Qual é a operação que sua mãe vai fazer?”, perguntei a Miriam-Elizabeth.

“Operação?”

Eu já estava enxergando melhor. Fechei o olho esquerdo e fiquei olhando para Miriam-Elizabeth apenas com o direito. Desliguei o telefone para a casa de F. A.

“O conselheiro está?”

“Ele foi jantar fora. Ainda não chegou. O senhor quer deixar recado?”

“Diga que foi o senador Ferreira Viana.”

Desliguei. Continuei testando o meu olho direito. Estava vendo perfeitamente.

“Por que você não senta? Nós temos muito o que conversar”, disse para Miriam-Elizabeth.

“Eu quero ir ao banheiro.”

“Eu te mostro o banheiro.”

Fiquei em pé na porta do banheiro.

“Dá licença?”, disse ela.

“Sinto muito mas vou ficar aqui. Este banheiro tem um trinco por dentro e eu não quero perder você de vista. Eu não vou te olhar, não se preocupe.”

“Eu fico constrangida”, ela disse.

“Azar”, respondi.

Miriam-Elizabeth entrou. Fiquei do lado de fora, apenas com um braço para dentro. Ouvi o barulhinho dela urinando. Voltamos para a sala.

“Qual é a operação que a sua mãe precisa fazer?”

“Estômago.”

“Ela tem úlcera?”

“Tem.”

“Em Minas?”

“Como?” Miriam-Elizabeth uniu com força as duas mãos como se estivesse rezando.

“Mulher com úlcera no interior de Minas?”

“Não estou entendendo...”

“É muito raro mulher ter úlcera de estômago, ainda mais no interior de Minas.”

“O senhor é médico?”

“Qual a sua opinião?”

“Não sei. O senhor me pergunta coisas que eu não sei responder.”

“Qual o seu nome?”

Miriam-Elizabeth me olhou nos olhos.

“Não minta para mim, sua puta!”

“Laura.”

O telefone tocou.

“Estou telefonando para você desde as nove horas”, disse F. A.

“Onde é que você está?”

“Na Embaixada da Índia. A garota está aí?”

“Está.”

“Graças a Deus! Ela está bem? Falou em mim?”

“Nós conversamos pouco. Mas foi o bastante. Ela é uma vigarista, estava atrás do teu dinheiro junto com Gisele e o veado.”

“Como? Como?”

“Ela mesma vai falar com você.”

Passsei o telefone para Miriam-Elizabeth-Laura.

“É verdade — me desculpe — me desculpe — como? — foi isso mesmo — estou, estou arrependida — você é muito bom...”

Miriam-Elizabeth-Laura me deu o telefone de volta. “Ele quer falar com você.”

Coloquei o telefone no ouvido. F. A. falava baixo, com medo de ser ouvido.

“Eu amo essa mulher, entendeu, não me interessa o que ela é.”

“Ela estava te enganando...”

“Não tem a menor importância.”

“O dinheiro é seu.”

“É isso mesmo!”

“Você quer que eu durma aqui?”, perguntei.

“Quero. Amanhã, de manhã, passo aí.”

Desliguei o telefone.

Segurei a mão de Miriam-Elizabeth-Laura.

“Vamos embora para a cama, ele só vem amanhã de manhã.”

Sua mão apertou a minha. Miriam-Elizabeth-Laura não tinha mais medo.